



AVENÇADO

Redacção, Administração e Composição:
Rua Barjona de Freitas, n.º 25 e 26
Telefone 82310 — BARCELOS

SEMANÁRIO REGIONALISTA

POR PORTUGAL! *** POR BARCELOS!

Impressão: Companhia Editora do Minho
Rua D. António Barroso
BARCELOS

ASSINA- Trimestre, 10\$00; Semestre, 20\$00; Ano, 35\$00
Estrangeiro, ano 60\$00 e por via aérea, 175\$00
TURAS: África, ano 45\$00 e por via aérea, 110\$00
(PAGAMENTO ADIANTADO)

Administrador, Proprietário e Director: ROGÉRIO CALÁS DE CARVALHO
Editor: JOSÉ LUCINDO CARDOSO DE CARVALHO

Número avulso — 1 escudo

Os Senhores Assinantes gozam o desconto de 10%
Assinaturas para o Brasil, ano 50\$00, por via aérea 160\$00
ESTE N.º FOI VISADO PELA CENSURA

SÁBADO, 11 DE FEVEREIRO DE 1961

BODAS DE OIRO DESTE SEMANÁRIO

A REDACÇÃO PRESTA HOMENAGEM



AO SEU DIRECTOR AO
COMPLETAR 72 ANOS
DE VIDA E 50 COMO
IMPULSIONADOR DE
«O BARCELENSE»

As escondidas, tal qual rato se esconde do gato, conseguimos que este número trouxesse a figura do nosso querido Director.

Por mais adjectivos que empregássemos não encontramos

um que se adaptasse ao grande amor que nutre pela sua Terra. Assim, mais que as vulgares palavras que pudessemos escrever, preferimos elevar os sentimentos dos nossos humildes corações até Deus e pedir-Lhe que a Sua protecção nunca Lhe seja negada.

A Redacção

DOIS DESTINOS — O MESMO AMOR À TERRA

— No staquesténario de «O BARCELENSE»

Quando eu nasci tinha o Jornal dois anos.
Fomos crianças ambos — e crescemos
No mesmo amor à Terra em que nascemos,
Presos aos seus encantos soberanos.

Porém, eu tive que deixá-la um dia.
— Com que saudade, eu sei!, com que emoção —
Mas esquecê-la eu nunca pude, oh! não,
Que possível em mim tal não seria.

Dif'rentes os destinos e a missão,
O «BARCELENSE» lá ficou — Guardiã
Da Terra amada e berço idolatrado.

E o que tem sido a sua acção sabemos,
Pois em PROL DE BARCELOS logo o vemos
E sempre na vanguarda colocada.

Lx. Fev.º 1961

A. Marques de Azevedo

FELICITAÇÕES

Senhor Director de «O Barcelense»

Com os melhores cumprimentos, permita V. ... que o felicite nesta altura do ano em que o Jornal, que V. ... dirige, celebra as suas «Bodas de Ouro».

Cinquenta anos se passaram sobre o dia do aparecimento de «O Barcelense».

Lutas, sem conta, teve necessariamente de travar. Foi, é, e sempre assim há-de ser: para vencer é preciso lutar. Só com um grande esforço é que V. ... tem conseguido realizar aquela ideia concebida desde o nascimento deste Semanário: defender a nossa terra — Barcelos, antes que, para isso, tenha tido grandes combates a sustentar. Mas se «O Barcelense» é um semanário regionalista, porque não combater até final em prol da terra que nos serviu de berço? É o que V. ... tem feito. Por isso, merece parabéns.

E se tivera outros, seria de que «O Barcelense» seja sempre um verdadeiro baluarte ao serviço da Igreja e da Pátria.

Em V. ... quero felicitar todos quantos no decurso desses cinquenta anos trabalharam, ou ainda trabalham, na feitura de «O Barcelense».

Que o Senhor, Deus Eterno, recompense, até já neste mundo, quem, com os seus artigos assíduos, tem tornado Barcelos maior no amor a Deus e aos homens, que, como irmãos devem viver, pois só assim é que Barcelos, será aquilo que todos desejam: unidos em Cristo, sabendo os homens perdoar ofensas recebidas.

Continue, pois, V. ... como timoneiro, à frente deste Jornal, que espero continuará a ter as colunas à disposição deste grande arceprelado de Barcelos.

Barcelos, 17/1/1961

P.º Rodrigo Alves Novais

Cinquenta Anos de Vida

MÃO de mestre escreveu que «o templo da glória não está num vale ameno nem numa veiga deliciosa; mas sim no cume de um monte onde se sobe por caminhos ásperos, entre espinhos e abrolhos.»

Não atingimos a glória mas alcançamos uma data que poderemos dizer gloriosa para nós: cinquenta anos, as Bodas de Ouro do nosso «O Barcelense».

Nasceu em 1911, numa época nublosa como o tempo frio e cinzento de Dezembro.

De tenra idade foi vencendo o impiedoso tempo e os anos foram passando. Vinte e cinco depressa chegaram; comemoraram-se condignamente, havendo festa, uma festazinha com foguetes, música e... e até uma avioneta que lançou três ramos de flores. Mas o tempo não parou, nunca espera por ninguém. Foi contando sucessivamente vinte e seis, trinta, quarenta, quarenta e cinco e, finalmente, o calendário marca no dia 12 uma data especial, diferente de todas as outras, com uma outra cor. Interessados fomos observar e o nosso espanto foi grande: letras doiradas mencionavam as Bodas de Ouro do nosso jornal, do vosso «O Barcelense»!

Não alcançamos a glória, não tínhamos essa intenção, mas conseguimos chegar a uma longa meta que foi atingida com sacrifícios, desgostos, aborrecimentos. É verdade, também se encontrava «no cume de um monte, onde se sobe por caminhos ásperos, entre espinhos e abrolhos».

Não estamos arrependidos em trilharmos esse íngreme caminho, pois a Rainha do Cávado tudo merece. Por ela, sim é por ela, pela sua história, paisagem e encantos, que lutamos e vivemos; o seu engrandecimento, o seu nivelamento com outras cidades, é a missão sagrada pela qual pugnamos.

Narrar nas colunas deste jornal a sua história não é de maneira alguma difícil, mas quanto mais agradável não é verificar através das páginas cinquentenárias o esforço de muitos Barcelenses, as suas lutas por um ideal nobre e alto, todo o seu carinho pelo torrão paterno.

A esses que Deus já levou para junto de Si, a nossa mais humilde oração ao Altíssimo. Aqueles que hoje, como ontem ou amanhã, nos prestam os seus serviços, as suas atenções, dedicam todo o amor

ao nosso querido «O Barcelense», e muito e muito obrigado da Redacção

Aos Ilustres Colaboradores que acederam ao nosso pedido, Caros Anunciantes, Amigos, Assinantes e Leitores, o nosso agradecimento muito sincero pela colaboração prestada

Que Deus nos guie, ilumine e dê Fé, para que, assim, continuemos a nossa cruzada em prol da nossa Amada e possamos gritar sempre em coro altissonante:

Por PORTUGAL! Por BARCELOS!

SAUDANDO

Pelo seu feliz cinquentenário, embandeira hoje em arco «O Barcelense».

Como velho colaborador de tão simpático jornal, eis-me presente para tomar parte na música da festa com a sanfona ligeira da minha prosa.

Pálido contributo, bem sei, mas sincero. É que eu tenho viva estima por «O Barcelense». Admiro-lhe as atitudes francas, as convicções firmes e o puro afecto à cidade querida. Sim! Tem pugnado por ela com tal donaire e bravura que até parece um Magriço a cruzar ferros por sua dama... E Barcelos bem merece toda a adoração, não só pelas suas notáveis tradições históricas e seus pergaminhos dos mais ilustres, como também pelos seus encantos próprios: os seus formosos céus, dum amarelo azul, e as suas paisagens maravilhosas que inspiraram os pincéis de Cândido da Cunha e os versos de António Fogaça, filhos insígnis da cidade do Cávado.

Muito ainda queria dizer, mas o pensamento recusa-se a alongar o vôo. E com razão, pois o tempo é pouco e a saúde não é de mais.

Vou concluir, saudando mais uma vez «O Barcelense» pela celebração das suas bodas de ouro. Cinquenta anos na vida dum jornal — e, sobretudo, num jornal da província — é qualquer coisa de grande e belo. Para atingir tal idade, quanta luta e canseira e quanto sacrifício e amor, nem sempre compreendidos! Felicitações, pois, a «O Barcelense» e a Rogério Calás de Carvalho, seu intrépido e hábil timoneiro!

Matias Lima

50 anos de regionalismo puro

Foi em 1911. Não que o Jornal nasceu. Já existia, mas não se chamava «O Barcelense» embora fosse Barcelense da gema. Naquele ano, ele consorciou-se, sim, com a linda Barcelos que namorava havia já muito tempo. E adoptou o nome de «O BARCELENSE» em homenagem à sua Dama. Tão convicto e dedicado lhe há sido que nunca faltou às promessas, aos juramentos que lhe fez. Tem-a amado com todo o fervor da sua alma, com todas as veras do seu coração. E defendido com todo o ardor, toda a energia, toda a firmeza, como procede o cavaleiro que é digno da sua dama. Tem-se irmanado com ela, na alegria e na atribulação; nas horas amigas e nas horas adversas; em todos os momentos felizes e em todos os transe.

Tem vivido com a formosa Barcelos como numa só alma, batendo em unísono os dois corações, tendo ambos o mesmo querer, o mesmo desideratum, os mesmos designios. Tem pugnado, sempre, incondicionalmente, sem tibiezas, nem tergiversações, pelo seu bem-estar, pelo seu progresso, pelo seu prestígio. Em suma, tem sido para ela aquilo que ela desejava que ele fosse.

Por isso, hoje que se celebram as BODAS DE OURO deste venturoso enlace de regionalismo puro, é justo, é necessário, é dever de todos os barcelenses, sem distinção de classes ou de crédos, apresentar as mais calorosas felicitações, pessoalmente, por escrito ou, pelo menos, em espírito, a «O BARCELENSE», como preito de gratidão e como estímulo a que continue, sem desfalecimentos, a trilhar o recto caminho dos nobres ideais da Justiça, Paz e Amor.

E, assim, pela minha parte, num grande e sincero amplexo, felicito, efusivamente, a bela Barcelos e «O BARCELENSE» pelas suas BODAS DE OURO de consórcio regionalista, na pessoa do seu digno, proficiente e solícito Director.

Lisboa, 1961

António Cândido Ferreira
CAPITÃO

Mais uma vez o heróico Alcaide de Faria saúda os seus Conterrâneos...

A DIGNIDADE DA MULHER

Por ERCILIA NOVAES MACHADO

FALA-SE muito de emancipação feminina e igualdade de direitos; mas esquece-se demasiado a aceitação de deveres e a dignidade no uso desses direitos. Graças à valorização intelectual e técnica, a mulher de hoje tem direito a voto, e trabalha lado a lado com o homem, ascendendo com ele aos mais altos cargos. Mas por outro lado, nalguns países, mesmo em tempo de paz, ela apresenta-se para fazer parte da milícia armada, onde, de arma na mão, faz os preparativos bélicos que a aprestarão para futuras guerras. Nestes e noutros casos pergunta-se: o que lhe ficará de mulher gracil, da mulher mãe, da mulher educadora, da mulher pacificadora, se na conquista dos direitos desprezar, como infelizmente se vê, o respeito aos deveres?

O que lhe ficará da dignidade feminina que imponha ao homem o culto e o respeito, a veneração e o amor? Que amor pode sentir o rapaz pela noiva que pratica o amor livre? Que respeito pode ter o filho pela mãe que regressa sôzinha das orgias nocturnas? Que veneração pela mãe ficará nos filhos, quando não acompanhou a sua infância com ternura e carinho, nem lhes apontou os perigos morais da juventude?

Que culto sentirá o marido pela mulher *terceiro sexo*, como alguém chamou a essa forma estranha de mulher pseudo-intelectual, que pretende viver racionalmente no desprezo de todos os conceitos religiosos e morais, ridicularizando a mulher mãe na sublime missão de continuadora da espécie?

Quando nesta inversão e confusão de valores a mulher se esquece da sua dignidade, isto é, dos mais elevados tributos que poderão dignificá-la, degrada-se; e na sua pretensa equiparação ao homem, só consegue inferiorizar-se.

Ascenda a mulher, pelo seu valor, aos mais elevados cargos públicos e políticos. Admirável acção lhe está reservada como defensora da dignidade da rapariga ou da mulher ultrajada; como sancionadora da célula familiar, nos seus múltiplos aspectos de desagregação ou miséria; como instigadora dos processos de paternidade ilegítima, e bem assim do estudo profundo e eficiente das suas causas e consequências. A mãe solteira é hoje, no nosso país, um número deveras alarmante, pelas funestas repercussões sociais e morais que advêm para ela e para os filhos de pai incógnito... Dolorosamente temos de verificar que o problema não tem sido encarado com o interesse que deveria merecer a um país católico. Fruto dum imenso desprezo pela dignificação da mulher mãe, assistimos, quase impotentes, a essoutra forma de indignidade repelente e criminosa: o aborto. Dir-se-ia que o avanço intelectual e técnico da era atômica está na razão inversa dos liames sanguíneos, que em todos os tempos, em todas as raças e até em quase todas as espécies animais, une pais a filhos. Estranho sinal dos tempos, este, em que uma mãe indigna ou um pai ainda mais abjecto, dilacera covardemente as carnes tenras dum filho que nasceu...

Para tudo isto há misérrimas explicações que só à luz de Deus, não das rudes convenções sociais, um coração de mulher compreende. É necessário portanto que seja a mulher e não o homem a intervir com conhecimentos, acção e sobretudo moral, na defesa destes princípios em que a mulher aparece, umas vezes culpada, outras vezes como vítima. Infelizmente nem sempre homens com responsabilidades intelectuais e morais podem ser chamados à defesa da Mulher...

Nobilite-se a mulher no campo da técnica, das ciências, das artes e das letras; da forma como souber usar de todos os seus conhecimentos, assim se dignificará.

Mas é ainda como educadora que a mulher tem uma acção mais proveitosa na difícil tarefa de edificar; não edifícios de pedra ou cimento, mas almas e caracteres. E a nossa juventude de hoje, se é doente, é porque não tem a ajudá-la os grandes construtores de almas. Faltam os pais no âmbito familiar; faltam os educadores nos estabelecimentos de ensino; e até na Igreja, esse repositório sagrado da doutrina mais sublime de todos os tempos, falta por vezes quem guie e oriente, quem dê o bom exemplo, numa palavra quem forme as almas e os caracteres das nossas crianças e dos nossos jovens. É pois à mulher educadora que compete suprir, de algum modo, o que falta no lar, na escola e na igreja, pois sobre ela poderão recair amanhã a maldição gravíssima de Deus pela boca dum jovem que se preverte, ou duma rapariga que cai: «Nunca tive quem me ajudasse a subir; tive só quem me ensinasse a descer». E não se culpe a juventude dos males, que dia após dia mais a confundem e degradam. Ainda os seus olhos são puros e refletem a limpidez da alma, já lhe mostram, em toda a sua nudez, as fragrâncias venenosas do vício. Ainda os seus sentidos se perdem no bulício dos jogos e das bonecas, já os escandalizam as mãos devassas e o olhar torvo dos perversos. Ainda as mãos inocentes se erguem unidas para rezar, já a abjuração e a negação de Deus lhes é imposta pela voz dos ímpios e pelas baixezas dos vendilhões do Templo. Ainda a voz da consciência lhes segreda o Bem, e já o mundo a atira, indefesa, para o Mal.

Que admira, então, que os nossos jovens descreiam, que os nossos jovens se sintam confusos, e, incompreendidos, se atirem para a prática das maiores loucuras, se eles se vêem desamparados moralmente, num vasto estendal de misérias, como naufragos num mar imenso...?

Que admira que a ânsia da libertação os persiga até ao suicídio, quando a vida presente lhes não parece estável, nem o futuro, nem o Além...?

Que admira que se lancem na voragem dos prazeres os que não sentem que Alguém espera deles alguma coisa...? Pobre juventude de hoje e infeliz humanidade de amanhã; não sabe donde vem, nem o que quer, nem para onde vai! E não é sua, a culpa...

Mas tenhamos esperança. «Todos os dias nasce o Sol» e é necessário que Ele nasça sob uma forma de esperança, nas nossas crianças e nos nossos jovens; confiança todos os dias renova, pelo amor e pela compreensão. Há tanto a esperar duma alma na pujança da vida, como o pão que há-de ser feito, do grão que se lança à terra: apenas há que regá-lo e mondar as ervas daninhas...

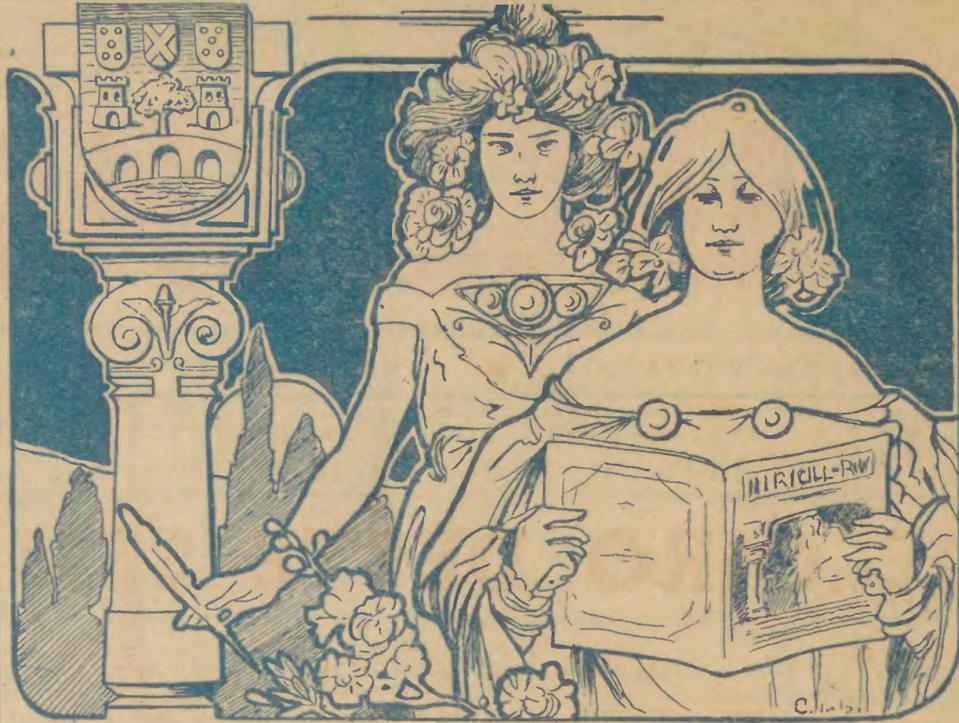
Eis afinal no que se resume o grande papel da Mulher nos nossos dias: dignificar-se no meio próprio em que Deus a colocou, no uso pleno de todo o seu saber, inteligência e acção, ao serviço de causas nobres, que valem mais do que a própria vida!

Neste cinquentenário do jornal «O Barcelense» felicito V. ... Senhor Director, agradecendo as oportunidades que, nas colunas do seu Jornal, sempre puderam servir o Bem e a Justiça.

Trabalha-se activamente na campanha «Um telhado e uma lareira». Esperamos ficar a dever a este venerando semanário barcelense a sua tão útil como valiosa colaboração, a bem dos pobres de Barcelos.

Fazendo votos pelas suas maiores prosperidades, me subscrevo atentamente grata:

Ercília Novaes Machado



PÁGINA FEMININA

UMA CARTA

Minha querida Luísa

Acabo de saber a grande nova da vinda ao mundo da Tua filha; Infelizmente não posso, cá tão longe, visitar-Te para Te felicitar. Venho assim congratular-me contigo — e muito sinceramente, podes crer!

E, o feliz acontecimento, fez-me recordar, uma vez mais, o dia em que tive também, a graça imensa de ser Mãe pela primeira vez... Dia estranho, na verdade! Símbolo talvez de tudo quanto de grande pode acontecer... Primeiro o sofrimento, a dor — depois a felicidade incomparável de se ter contribuído com tanto do nosso «eu» para qualquer coisa de sublime: um ser imortal! A criancinha indefesa, que um sopro de ar mais forte pode arrebatá-la, vale já mais que todo o ouro da terra... E Deus confiou-a a mim! Lembro-me bem que vários sentimentos se juntavam à minha alegria: um santo orgulho por Deus me ter associado à grande obra da Criação; um sentido de responsabilidade sobre os ombros como nenhum outro até então; e baixinho... o receio de não estar à altura da missão que me estava a ser confiada... Então o bebé chorou — imediatamente começou a minha tarefa absorvente de Mãe... Mas a vida ficou cheia para sempre, pela mais apaixonante de todas as aventuras: criar um corpo, orientar uma alma!

Sim, minha querida Amiga. Se é belo ver um jardineiro cultivar as suas flores; um lavrador fazer produzir as suas terras, um médico cuidar dos seus doentes, um padre guiar as almas; uma professora ensinar os seus alunos — enfim se é belo ver realizar qualquer tarefa nobre, como é apaixonante, repito, a da Mãe, que tem tanto de todas essas! Como o jardineiro, ela cultiva dia a dia, hora a hora, a mais bela de todas as flores; como o médico, cuida do mais pequeno mal que a possa atingir; como o padre, orienta-a para o Céu; como a professora, ensina constantemente, desde o pegar na colher, o dar os primeiros passinhos, o balbuciar as primeiras palavras, o colher as primeiras noções, a gramática ou as ciências que se não entenderam; o abrir os olhos para as realidades da vida, etc., etc... Quando acaba a função duma Mãe? Nunca... Vai-se transformando, evoluindo — sempre a mesma e sempre diferente! Parece que se faz, ano após ano, as mesmas coisas, as mesmas obrigações — e vai-se formando um corpo, vai-se moldando um coração, vai-se abrindo uma inteligência...

Querida Luísa, nesta noção de que a criança é um conjunto de corpo, inteligência e coração, está para mim, o segredo duma educação equilibrada!

É preciso cuidar o corpo — um corpo sã é a melhor garantia duma alma sã —; evitar que adoça, mais ainda que tratá-lo quando doente; robustecê-lo com uma alimentação regrada e sadia, com hábitos de higiene, com ginástica e desportos — mas cuidado! Se se pensa só no corpo da criança, corre-se o risco de conseguir apenas... atletas brutos!

É preciso desenvolver a inteligência — um homem ou uma mulher cultos são jóias de alto valor — vigiar o bom aproveitamento nos estudos, fomentar o interesse pela literatura, pela ciência, pelas artes — mas cuidado! Se se pensa só na inteligência da criança, corre-se o risco de conseguir apenas... meninos prodígios anémicos!

É preciso moldar o coração — um ser humano vale, o que valer o seu coração, disse alguém — levando-a a praticar actos bons, que se firmem em bons hábitos; fomentando desde muito cedo uma vida de piedade — mas cuidado! Se se pensa só no coração, corre-se o risco de conseguir apenas... santinhos enfezados!

A verdadeira educadora tem que — desde os primeiros dias, minha boa Amiga, que dar o alimento a horas certas, sem transigir com o choro do bebé, representa já a «regra», necessária à vida inteira —, mas dizia eu, tem que atender minuto por minuto, a esse complexo trinómio que é a criança: corpo, inteligência, coração. Só no criterioso equilíbrio destas três realidades, conseguirá o mais valioso tesouro da terra: um homem ou uma mulher *sadio, culto e bom*.

Eis-Te então com uma filhinha nos braços! Tomaste nos braços também, alegrias e dores, prazeres e trabalhos...

Mas seja qual for o Teu quinhão, uma coisa é certa: «vale a pena». É grande, é nobre, é belo, o fim que anima a Tua vida de agora em diante!

No entanto, deixa-me dizer-Te baixinho; é difícil também... Educar uma rapariga nos nossos tempos, é mesmo muito difícil...

Antigamente não se pedia mais à Mulher que chegasse ao casamento inocente e pura, dona de casa completa, ornada de prendas de espírito.

E hoje? Hoje, continua a pedir-se-lhe que seja pura, que seja dona de casa completa, que seja elevada e culta...

Mas... que seja pura, não já no ambiente resguardado do seu Lar e da sua Família, e sim no meio heterogéneo duma Faculdade, no à vontade e sem cerimónia dum emprego, vendo constantemente filmes imorais ou amorais, lendo a toda a hora livros perigosos, sujeita continuamente a tentações, abusos e ciladas, na luta dura pela existência!

Mas... que seja dona de casa completa, sem que se reserve tempo para essa aprendizagem por entre um curso absorvente, ou pelo meio dum emprego que lhe garanta a independência!

Mas... que seja elevada e culta — elevada, no meio do materialismo prático que a rodeia; culta, numa época de especialização obsecante...

E a importância da Mulher no mundo é enorme, imensa! Deixa-me dizer-Teo baixinho também, esperando que nenhum senhor se lembre de passar os olhos pela nossa Página... Mas desde todos os tempos! Os Povos cujas mulheres eram dignas, foram grandes — olha Esparta! Outro exemplo da História: Roma — enquanto elas foram honestas, fortes, laboriosas, o povo romano conquistou o mundo com a bravura que lhes dava o braço robusto, os costumes sãos — quando elas se tornaram corrompidas e dissolutas — tudo apodreceu — e o império romano ruíu...

O mesmo acontece com o Lar. Infelizmente, quantos casos não conhecemos todas nós, de maridos e pais transviados, de chefes de família que não cumprem o seu dever? Se a Mulher permanece forte, o Lar mantém-se de pé. Mas se é a Mulher que falha — tudo ruíu...

Conclusão: o Lar, a Família não perderam a sua importância — pelo contrário!

O Lar, a Família — como hoje, como sempre, tem que continuar a ser a raiz, a base, a estrutura...

É melhor o nosso tempo? É pior?

Inútil discutir. É diferente, e é essa realidade que temos de enfrentar.

Os tempos mudaram — a Família tem que evoluir nos seus métodos. Mas nunca no seu fundo!

O Lar tem que continuar a ser, agora como dantes, — o cadinho onde se tempera a força que guarda a pureza, a escola onde se aprende o mais importante para a vida; o ambiente gerador da verdadeira cultura — barca segura que, através dum mar cada vez mais encapelado e revoltoso, conduza ao porto de salvação. E... hoje como ontem, só conseguirá atingi-lo se seguir pelo Farol Divino que disse de Si próprio, ser o Caminho... a Verdade... a Vida...

A carta vai extensa. Perdoa se me alonguei demasiado — o assunto é vasto como o mar profundo... Pedindo para a Tua pequenina as bênçãos do Céu, e para Ti, Luz que ilumine a Tua missão, sagrada de Mãe, abraça-Te com a maior amizade a

MARIA MATILDE

Nos 50 anos de vida de O BARCELENSE

Apenas duas palavras para desejar a «O Barcelense», ao seu Ilustre Director e a quantos nele trabalham, muitos anos de vida sempre a lutar, como é seu lema. Por Portugal! Por Barcelos!

Que Deus oriente sempre no caminho que, até aqui, tem seguido, «O Barcelense»! Lutar em prol dos fracos e da Justiça honra bem quem a isso se dedica. Acima de tudo, diga-se a verdade! Felicidades a «O Barcelense» deseja a

Maria da Assunção da Silva Ferros Pimentel

PÁGINA LITERÁRIA

A Ponte de Barcelos

Por SANT'ANNA DIONISIO

BREVEMENTE (*brevemente*, é como quem diz, pois antes de três anos não deverá ser possível dar conclusão a essa obra) será publicado o 4.º vol. do «Guia de Portugal», essa bela iniciativa do escritor Raul Proença, quando chefiava os serviços técnicos da Biblioteca Nacional de Lisboa, vai para meio século.

O volume em preparação e de cuja organização estamos incumbidos (como já, em 1941, por morte do escritor, havíamos sido para a organização do volume relativo às Beiras) terá por objectivo a descrição da velha província de Entre-Douro e Minho (hoje desdobrada em Minho e Douro Litoral) e a grandiosa região de Trás-os-Montes e Alto Douro.

O volume terá, pois, de consagrar algumas páginas a Barcelos, oferecendo, a par de algumas impressões relativas à paisagem, as habituais notas históricas e arqueológicas.

Uma vez ou outra, temos tido a curiosidade de procurar o que ainda resta de evocativo nesta vetusta terra e suas redondezas. Em duras andanças, a pé, — a partir dos pinhais de S. Miguel da Carreira, onde habitualmente passamos nossas férias desde há umas três décadas — visitámos Vilar de Frades, Manhente, Carapeços, Arnoso, os altos do Monte de Airó, Santa Eulália e Santa Baia do Rio Covo, além dos templos remotíssimos de S. Pedro de Rates e Rio Mau, já para além dos confins do concelho.

Mais recentemente, visitámos a *citânia* da Franqueira e os alicerces do lendário Castelo de Faria.

Dentro do aglomerado de Barcelos, tentando visionar o que seria a sua antiga cerca medieva, temos procurado, em desprevenidas divagações de puro amadorismo arqueológico, localizar as suas portas e postigos, torres e cubelos.

Destas discretas indagações, chegamos à conclusão de que nesta velha *villa* portucalense, (como em tantas outras, aliás) se tem realizado uma lamentável destruição de muitas coisas estimáveis que se poderiam ter conservado sem prejuízo de maior para o desenvolvimento da antiga *villa* e actual cidade.

A conversão da muralha que rodeava o casario barcelense em «pedreira» do município (ou dos moradores) foi um dos grandes erros aqui cometidos no século passado — como no anterior fôra o da transformação, não menos escusada, do venerando castelo de Faria em «pedreira» para a construção do convento, (destituído de qualquer valor), da Franqueira.

Outro barbarismo foi a demolição do antigo palácio dos duques, levada a efeito por deliberação do próprio Município de Barcelos, em 1872, — construção senhorial que imprimia, juntamente com a ponte, um tão curioso cunho medievo à entrada da vila. Quem quiser certificar-se que veja a gravura desse conjunto publicada, em 1938, por José de Figueiredo, em uma breve comunicação sobre esse antigo palácio dos duques. (1)

Nem tudo, claro está, se pode dizer consequência da incúria dos homens. Algumas destruições devem-se a factores fortuitos.

No entanto, há que acentuar que o principal agente erosivo, em Barcelos (como em muitas vilas e cidades portuguesas) foi e é ainda a mão rude dos «vizinhos» e o camartelo inexorável e considerado dos municípios — quando não o do próprio Estado.

Nos nossos dias, esse «trabalho erosivo» prossegue e traduz-se em penosas perspectivas.

É ver, por exemplo, o que está a verificar-se com um dos mais típicos valores arqueológicos da cidade de Barcelos: a sua *ponte romano-gótica*, sobre o Cávado.

Ao lado da *torre de menagem* (ameaçada de destruição voluntária há uns 80 anos, segundo um testemunho de um visitante do Minho dessa época, para alargamento da praça da sardinha, onde hoje está a corporação dos bombeiros) essa ponte, de raiz talvez romana, reconstruída pelo 9.º Conde de Barcelos e convertida em rigoroso *passo* aduaneiro e militar de feição quase feudal desse orgulhoso bastardo do mestre de Aviz, causador do drama de Alfaroqueira — é um dos mais típicos exemplares de pontes medievais existentes em Portugal. Que me lembre, além da ponte histórica de Amarante, tão parecida e igualmente ameaçada, não existe outra no país que a sobreleve em carácter.

Com o progresso do trânsito rodoviário, seria razoável que desde há uns trinta ou quarenta anos, se pensasse na necessidade de se construir, sobre os rios Tâmega e Cávado, duas pontes amplas e apropriadas à velocidade e peso desconforme dos veículos dos nossos dias. Nada disso. As duas velhas pontes medievais, com silenciosa resignação, têm suportado a bruteza do trânsito — e decerto só quando estiverem irremissivelmente abaladas na sua estrutura e fundamentos se pensará na sua aposentação...

Segundo nos dizem, é o que se está já a verificar com a velha ponte de Barcelos, reduzida a meio trânsito, por imposição das reparações urgentes que os seus sinais de cansaço requerem.

Entre nós é quase sempre assim: depois da casa roubada, trancas à porta.

Afirma-se que a planeada ponte sobre o Tejo importará em cerca de um milhão de contos. Se assim é, bem se poderia dizer que mais valeria — não diremos desistir mas — transferir para daqui a vinte ou trinta anos a construção dessa oitava maravilha da idade do ferro e do volfrâmio e rever, em todo o país, a necessidade do trânsito sobre os rios menores, alguns ainda exclusivamente feito sobre pontes da velha guarda.

Com esse milhão de contos fazia-se uma meia centena de pontes de bom granito, belas e firmes, para boa serventia de duas ou três centenas de terras de província. Bastaria que se tivesse presente este bom princí-

Um elogio, em grego e latim, de Dom António Barroso

pelo Rev. Doutor A. da Costa Lopes

A evocação dos grandes vultos de outrora, sempre agradável e instrutiva como é, mais aprazível ainda se torna quando em festa está alguém que, ao fazer anos, quer assentar o presente e o futuro na experiência e nas lições do passado. Tal sendo o caso d'O *Barcelense* na festiva data das suas bodas de ouro, é-me grato associar-me à jubilosa celebração, dedicando breves linhas à memória de Dom António Barroso, barcelense distinto entre os maiores.

A tarefa, ao menos desta vez, é para mim fácil, pois mais não pretendo que chamar a atenção dos Barcelenses para o elogio do grande prelado, escrito em versos latinos e gregos pelo extraordinário humanista, poliglota e polemista que foi o Dr. Artur Bivar (1881-1946). Lê-se o respectivo texto na revista *Euphrosyne*, volume I (1957), p. 455. Em nota, redigida também no idioma de Cícero, o eminente humanista Prof. Doutor Rebelo Gonçalves, director da revista, esclarece que A. Bivar concebeu estes versos a propósito da erecção, em Barcelos (*Barcellis*), do monumento ao egrégio bispo, imaginando-os gravados no pedestal (*quasi in simulacri basi essent incidendi*).

Para os leitores que conheçam o latim e o grego aqui transcrevo o texto original, em que poderão apreciar, sobretudo, a propriedade e a concisão com que se diz tanto e tão bem em tão poucas palavras:

Ad Antonii Barroso laudis memoriam

Mollia qui sequeris tam desidis otia uitae,
paulo suspiciens, aduena, siste gradum.
Villicus hic Christi. Mors huic fuit una laborum
meta: nec immoto laetus in aere manet.
Hunc igitur grato si vis extollere cultu,
quae nolens liquit, tu modo rura cole.

Ἦ ξείν', εἰ δῆλον τὴν ἑρώσῃν ἐλάσσοιτε ἤπειρ,
δέξ' ἴτι, καὶ παρσις, μαθησάτ', ἀλέψον ἄνω.
Ἐργαστὴρ οὐτος Χριστοῦ λαῶν· οὐδὲ τὴν ἡμέραν
χαίρει δ' ἐν χαλκῷ, δοῦλος ἕκων ἄποιος.
Εἰ τοῦτο τιμὴν οἶν βούλει πρὸς γένει εἶναι,
ἅπαντα λήλοιτ' ἄνω, ταῦτα σὺ δ' ἔργα λάβε.

Segue-se a versão portuguesa, na qual me ative aos versos latinos, cujo sentido, aliás, se mantém substancialmente no texto grego. Apresentando-a, só me resta sublinhar a elevação de pensamento com que se recorda, se define e se propõe como exemplo Alguém que foi, simplesmente mas de facto, um administrador e trabalhador (*villicus, ἔργαστῆρ*) da seara imensa de Cristo:

Forasteiro que andas em busca das moles comodidades de uma vida tão ociosa, pára uns momentos em contemplação.

Este [, cuja estátua aqui vês, foi] um servidor de Cristo. Só a morte pôs termo aos seus labores: [dir-se-ia que, até mesmo nesta estátua,] a imobilidade do bronze o contraria.

Se, portanto, o desejas honrar com grata veneração, cultiva agora tu [, com o teu carinho, aquelas mesmas] plagas que ele [só] à força abandonou.



BARCELOS — Monumento a D. António Barroso.

pio de que o país não é Lisboa — e que a justiça distributiva tem os seus irreprimíveis imperativos. Mas deixemos isso, que isso pertence ao capítulo de outra história.

O que, para já, queremos acentuar, nestas palavras ligeiras oferecidas à inteligência atenta dos meus bons vizinhos de Barcelos, é que a ponte velha, sendo um valor arqueológico essencial tão evocativo do seu passado, não pode continuar a ser sobrecarregada por muito tempo com os mastodontes de seis e dez toneladas que todos os dias a fazem gemer e pôem em risco a sua robustez secular.

Impõe-se uma rápida obra de suplência, e que seja ajustada ao mesmo tempo à fisionomia do antigo casario e à formação do seu necessário prolongamento arquitectónico e urbanístico.

Para terminar, queremos dizer: A construção da nova ponte requer as atenções de todos os barcelenses que se interessam pela sua materna e vetusta cidade, tão mal tratada pelo «degaste erosivo» a que já nos referimos; ou seja, pelo abuso da picareta privada, municipal e estadual.

A localização dessa ponte, só por si, é já um problema que importa considerar.

Há três ou quatro anos dizia-se que a «ponte

«O BARCELENSE»

(Em homenagem e por motivo do aniversário jubilar das suas Bodas de Ouro, dedico com afecto para as suas páginas)

Defensor da Justiça e da Verdade
Tem na frente o sinal de quem serviu
Cinquenta anos, em pé, e sem alarde
No vendaval de tudo que ruíu...

Firme e resolute, frente à tempestade,
Nunca o Dever Cristão e Cívico preteriu;
Está bem de ver a sua probidade
Pois que de má fé, jamais alguém o viu.

Por isso mesmo, a data é de mérito e glória
De cumprimento amigo e preto imorredouro.
A juntar a tantos, para a linda história
De O *Barcelense* em festa nas suas Bodas d'Ouro.

Deus cubra de bênçãos seu Director que amamos,
E a quantos nele trabalham incansavelmente
Entoando em coro o «Te-Deum-Laudamus»
De acção de graças ao Omnipotente.

Fr. B. F.

A FORÇA DUMA «ARMA»

Por A. COSTA

Apoiados nas asas do pensamento, remontemos até aos umbrais da tão injustamente caluniada Idade-Média. No meio do aperfeiçoamento de vários inventos, como a roda, o leme, a pólvora, a bússula, etc., um há que salientar sobremaneira, pela influência extrema que passou a exercer no modo de pensar e agir de toda a humanidade: o papel e a Imprensa.

É dos meados do século xv a primeira obra que se conhece — *A Biblia das 42 linhas* — escrita à imprensa com caracteres metálicos, a cuja invenção, de transcendente repercussão no campo das letras e das ciências, João Guttenberg deixou intimamente ligado o seu nome imorredouro.

Cinco longos e agitados séculos são já decorridos após a salutar aparição de «arma» tão prodigiosa, qual é a Imprensa! Se ousássemos relatar a sua história, quão difícil não seria, dada a sua extraordinária volubilidade e complexidade!

Na verdade, a sua própria natureza não lhe permite que viva isolada no seu sector específico, mas cria-lhe uma história que se confunde com a história dos homens, no seu fluxo ou refluxo de progresso ou retrocesso, de paz ou de guerra, de prosperidade ou de miséria, de crescimento ou de estagnação das letras, ciências e artes, de defesa ou de ataque aos direitos de Deus, da Pátria, da Família ou do indivíduo.

A história da Imprensa é a história do universo: com tudo e com todos ela anda emaranhada, como o peixe no seio das águas. Em todas as ocorrências ela teve parte mais ou menos notável de interferência, tal como de todas elas recebeu boa dose de estímulo e influxo.

Chamei-lhe «arma» e, efectivamente, assim a podemos qualificar — e não de pequeno calibre! O seu efeito, na verdade, é prodigiosamente eficaz e certo, ora para bem ora para o mal.

O seu modo de penetração é simples e astucioso: não faz alarme, não diz ao que vai nem espera por resposta. Contenta-se em entrar, sabendo retirar-se após ter exigido um pouco de reflexão sobre si, ciente de que, mais cedo ou mais tarde, o seu pedido, será atendido, as suas ideias multiplicar-se-ão em milhares de ideias, a sua mentalidade criará ambiente.

Não se revela pretensiosa, não reclama protocolos nas visitas e passeios que faz: aparece a falar em qualquer lugar, na rua como no palácio. Em toda a parte arma um púlpito para dizer a sua palavra, para apresentar uma opinião. Viaja em companhia de quem quer que seja e de qualquer modo, contanto que olhos destros poisam sobre si e acolham a sua doutrina. Daqui a sua máxima importância, o seu imenso campo de acção, o seu intenso perigo quando mal dirigida, e o seu máximo expoente uma vez ao serviço da Verdade e do Bem.

Dividam-na embora em grande e pequena-imprensa, a verdade é que ambas têm uma nobre missão a cumprir e uma tremenda responsabilidade nas ideias que difundem.

Conhecendo todo o poder dinâmico e penetrante deste excelente meio de comunicação, multiplicação e expansão dos pensamentos e afectos do homem, desta poderosa rainha do mundo moderno — como alguém lhe chamou — Crémieux criteriosamente afirmava: «Considerai as honras como nada; a popularidade como nada; comprei a Imprensa, com ela tereis o resto, todo o resto».

Saibamos nós, os de boa-vontade, aproveitá-la para o serviço do Bem e da Verdade. Que ela é arma de extraordinária força...

nova» seria lançada a juzante da ponte velha, a fim de se tornar mais fácil o trânsito da estrada de Viana. Em nosso entender, seria uma solução má e inadequada.

A construção a montante, entre a velha ponte medieva e a ponte metálica do caminho de ferro, seria seguramente a mais ajustada ao embelezamento e desenvolvimento da cidade. Desse modo, seria para considerar a abertura de uma ampla alameda ou *passoio público* entre as três pontes, que bem poderia converter-se na mais bela artéria da cidade moderna. Seria uma verdadeira *parada sobre o rio*.

(1) Cf. Boletim da Acad. Nac. de Belas Artes, III, pag. 38, 1938. — Ver ainda a monografia do Abade do Louro, publicada na própria data de impeditiva demolição.



Por uma Juventude Melhor

SAUDAÇÃO

EM nome do Núcleo de Barcelos, de todos os Escutas, e em meu próprio, tenho a honra de apresentar ao semanário «O Barcelense», ao seu Director, Senhor Rogério Calás e a todos quantos dedicadamente trabalham na sua preparação — por motivo do seu cinquentenário — as nossas cordiais saudações e votos para que por outros cinquenta anos, para já, com o mesmo entusiasmo possam continuar a desempenhar as suas funções e a sua missão.

Cinquenta anos de vida para um jornal do que se convencionou chamar a «pequena imprensa» — pequena certamente pelos seus recursos, mas muito grande pela sua missão — representam só por si um notável esforço. Mas «O BARCELENSE», pode olhar para o seu passado com são orgulho, pois muito tem feito em defesa dos interesses de que se arvorou em paladino — Barcelos e o seu Concelho. E pode olhar ainda com satisfação para o presente pela expansão e cotação que grangeou, e, mais ainda, com confiança para o futuro pois que muitos mais benefícios virá a espalhar difundindo boas doutrinas e sendo o porta-voz das causas legítimas e nobres.

O Escutismo de Barcelos está gratíssimo a «O BARCELENSE» pela solicitude com que tem posto ao serviço da Juventude as suas colunas e isto é mais um motivo que nos leva a associarmos-nos gostosamente à celebração do seu Jubileu de Ouro. Uma vez que o escutismo na sua acção educativa é pouco visível para o grande público, muitíssimo útil é, e direi mesmo indispensável, que os órgãos de informação se façam eco quer da vida das suas unidades, quer dos seus princípios e métodos.

Seja-me permitido aproveitar ainda a oportunidade para testemunhar o nosso apreço e apresentar os nossos agradecimentos ao Colaborador, Sr. Ilídio Eurico Gomes, que sob o pseudónimo de *Águia da Franqueira* vem sendo o porta-voz do Escutismo de Barcelos nas páginas de «O Barcelense». Além da sua provada dedicação ao Movimento tem revelado especiais qualidades jornalísticas, que, se podem ser criadas e desenvolvidas em algumas pessoas, tem muito de vocação natural.

Formemos o propósito hoje, nesta festa tão pouco frequente do cinquentenário de um jornal, de aproveitar as oportunidades que à nossa frente se nos deparam para, ainda com mais afinco, trabalhar a bem de Barcelos e da sua juventude. Longa vida a «O BARCELENSE»!

Parabéns ao Senhor Rogério Calás e seus colaboradores!

Manuel Fari.

Um Encontro



— Olá! Onde vais tão apressada?
— Viva Teresa! Bons olhos te vejam! Vou a correr porque não quero chegar atrasada aos meus lobitos, — faltam 2 minutos para a hora, e se uma das coisas que exijo neles é a pontualidade, claro que tenho de começar por lhes dar o exemplo... Desculpa, mas não posso agora demorar-me... Tenho pena! Há tanto tempo que te não vejo, gostaria bem de conversar contigo com sossego... Mas espera! Tive uma ideia... Não estás muito ocupada, pois não? Então vem comigo à reunião, e...
— Hem?
— É hora e meia certa — já vês que não perdes muito tempo! Depois tagarelamos à vontade, valeu? e enfiando-lhe a mão pelo braço: podes crer que não te vais arrependers... E divertidíssimo!

— Não faço ideia nenhuma como possa ser uma reunião de lobitos... E para te ser franca, nem mesmo faço ideia nenhuma do que isso é! Já tenho ouvido tecer louvores e censuras, mas não tenho opinião própria sobre o assunto...
— Porque o não conheces... Cá estamos na sede... Entra.
— Que bela sala! E que engraçado o que está pelas paredes. Que quer dizer?
— Perdoa mas estou na hora — no fim explico tudo o que quiseres. Ai vem a Aquela e...
— Quem?
— A Aquela, a Chefe. Eu sou a Bagera. — Mas remos que começar... Chamando os lobitos: Alcateia, atenção!
Hora e meia depois...
— Pronto, às tuas ordens. Espero que não te tenhas aborrecido...

— Quall! Estive divertidíssima!
— Que te disse eu?
— Mas agora vais explicar-me várias coisas:
Primeiro, os nomes estranhos que ouvi! Aquela, Bagera Lobitos, — e naquela dança tão engraçada que os pequenos fizeram chamaram pelos Banderlogs, Sher-cane, Baloo, Caa, Maugli, e...
— Espera! Devagar! Como queres que explique tanta coisa ao mesmo tempo? Todos estes nomes são tirados do célebre livro de Rudyard Kipling-Jungle. Usam-se para dar aos pequenos o ambiente misterioso da Selva — aproveitando a lição que cada figura encerra; assim a Aquela é a mãe Loba que está sempre vigilante, evitando os perigos, ensinando, abrindo os olhos para a vida... Os filhos são naturalmente os Lobitos, quanto mais pequenos, mais pata tenra...
— Que é isso?
Mais inesperantes, que qualquer coisa pode magoar... Baloo, o velho urso conselheiro, o que ensinava as leis da Selva a Maugli — o filho de brancos que foi criado pela mãe Loba entre os animais — Caa, a serpente astuciosa e prestável; her-cane o tigre fanfarrão, Banderlogues os macaquinhos cabeça no ar, brincalhões irreverentes, atrevidos, mas cobardes diante dum perigo real. E neste ambiente imaginário, os pequenos vêem as figuras que devem ser respeitadas, que devem ser ouvidas, que devem ser imitadas, ou pelo contrário que devem fugir de reproduzir...

— É deveras interessante! Quer dizer, a brincar, dão-lhes os verdadeiros padrões morais...
— Exactamente. Apanhaste o objectivo. De resto, a brincar se faz tudo o mais. Por meio de jogos habituam-se a ser correctos, leais, verdadeiros — a batota, a trapaça, são imediatamente punidas com qualquer sanção — generosos, amigos uns dos outros. A brincar se vão exercitando em pequenos progressos...
Como?
— Como concentrar a atenção, desenvolver a presteza manual, a memória visual...
— O jogo que fizeste em cima da mesa?
— Sim, esse mesmo. Chama-se o jogo do Kim. Se reparaste, coloquei sobre uma mesa os mais diversos objectos: um livro, um lápis, um canivete, etc., cobertos com um pano. Retirei este durante 3 minutos — para que observassem — tapei novamente, e cada um escreveu no seu papel o que conseguiu fixar... Claro que isto é um exemplo de como os desenvolvemos física, mental ou moralmente, sem que eles dêem por isso...
— O que me chamou a atenção nas paredes, são habilidades dos Lobitos?
— Várias são. A colecção de folhas ali, a prateleira com bonecos feitos de rolhas e caixas de fósforos, além...
— E aqueles quadros com frases?
— Um representa as Máximas, outra a Lei, que o Lobito promete solenemente cumprir, depois de um tempo de pata tenra (aprendizagem) (1).
— Olha, outra coisa que me fez confusão: uns sinaisinhos, que me pareceram cabalísticos, não te zangues... ou pelo menos bastante variados, que ostentavam no antebraço. Alguns tinham até muitos...
— Não me zango, não; apenas te explico: são distintivos. Uns representam o movimento a que pertencem (escutismo),

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

— Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.

ESCUTISMO

Escola Prática da Vida

por «ÁGUIA DA FRANQUEIRA»

MUITO embora algumas pessoas não compreendam, ou não desejem compreender as finalidades do Escutismo, temos de reconhecer que é das mais úteis associações de educação da juventude, senão a mais útil, como escola de virtudes cristãs, de prática da higiene, de vida moral, de bondade, de culto patriótico, de fervor religioso, e de aplicação prática da vida.

Lord Baden-Powell, fez um bem incalculável aos jovens de todo o mundo ao fundar o Escutismo.

O Núcleo de Escuteiros a que pertencemos, foi criado para desenvolver na juventude barcelense o amor a Deus e à Pátria, formando-lhes o carácter, criando hábitos de disciplina, confiança em si mesmos, lealdade e caridade, ensinando-lhes serviços de utilidade pública e pessoal, promovendo a sua educação em conformidade com o sistema instituído por B. P.

Centenas de rapazes já passaram pelas nossas fileiras, aprendendo nesta magnífica escola da vida a desenvolver e a aperfeiçoar as suas qualidades morais, intelectuais e físicas, através do contacto salutar com a natureza, mestra prática da vida.

Ali se temperaram caracteres e se corrigiram maus hábitos, aproximando os rapazes do bem.

O nosso Escutismo mantém-se de pé há 36 anos, e mantém-se porque é uma obra boa. É que a vida prática do Escuteiro é uma preparação cuidada para a luta pela existência.

A vida moral dos Escuteiros assemelha-se à dos Cavaleiros da idade média, porque os Escuteiros se esforçam em praticar o bem no cumprimento da sua Lei.

O hábito do Escuteiro resolver só por si mesmo os problemas práticos da vida escutista, os exercícios e jogos que lhes proporcionam o hábito das decisões rápidas, desenvolvem nele a confiança na sua pessoa, activam-lhe a coragem e a resistência moral e física, para quando entrar na vida prática esteja apto a lutar com os graves problemas da existência.

Ter sido Escuteiro é de uma grande vantagem em qualquer ramo da actividade humana. Todo aquele que é ou já foi Escuteiro deve estar «sempre Alerta» não só para o cumprimento dos seus deveres, mas também para a prática de todo o bem.

Bem hajam as almas generosas que fundaram o Escutismo na nossa terra. Sempre recordaremos com saudade os que já partiram para o Eterno Acampamento, pela obra que nos legaram. Paz às suas bondosas almas.



O escutismo não é caro!

Qualquer rapaz num ano, gasta mais em cinema e rebuçados, do que custam as cotas e o uniforme!

O escutismo aceita a colaboração de todos os de boa-vontade: —

- PAIS E MÃES
- GUIAS DE ALMAS
- MÉDICOS
- PROFESSORES
- CONTABILISTAS
- HOMENS DE NEGÓCIO
- INDUSTRIAIS
- ETC., ETC.

NOTE-SE: — Qualquer profissão não apontada expressamente acha-se incluída no *Est. coetara*.

— MAS àquelas que já não dispõem de Tempo livre, aceita-se o seu dinheiro (1)

Inscriva-se como **SÓCIO SUBSCRITOR** (3\$00 por trimestre)

Dirija-se a:

ANTÓNIO TAVARES FERNANDES
RUA BARJONA DE FREITAS, N.º 49 E 51
(Drogaria da Praça) — BARCELOS

(1) Em seguida começam a abrir os olhos — isto é: mediante determinadas provas recebem a primeira estrela — depois a segunda — que passam a vestir com orgulho na boina — sinal de que podem começar a caminhar seguros pela selva.

O escutismo trabalha para:

- A IGREJA — Formando bons Cristãos.
- A PÁTRIA — Desenvolvendo a consciência cívica.
- A INDÚSTRIA — Preparando Operários honestos.
- O COMÉRCIO — Preparando Empregados sérios.
- ENFIM — Para toda a Sociedade.

outra a região (Braga), uma terceira ao bando (alcateia). Depois, os responsáveis dos bandos — sub guias ou guias — têm no outro braço 1 ou 2 listas amarelas. Finalmente, há as insignias — que mostram que o pequeno se evidenciou em qualquer especialidade: nadador, ciclista, coleccionador, jardineiro, acólito e muitas mais. São um estímulo, para que a criança desenvolva uma aptidão. É claro, que se sente feliz e orgulhoso (no bom sentido) à medida que as vai conquistando e ostentando.

— Acho formidável! E agora que começo a saber o que é o Lobitismo, não percebo porque há quem censure...

— Não te importas de me dizer que censuras tens ouvido? Se puder, refutar-as-á...

— Bem, deixa-me ver... Ah! A farda. Já ouvi uma mãe dizer que para os meninos brincarem, não era preciso tanto dinheiro numa farda...

— Olha. É apenas falta de compreensão. O rapaziño de 8 ou 9 anos, tendo passado à fase da brincadeira isolada, começa a sentir atracção por pertencer a um grupo — é psicológico. A farda — com que todos deliram — dá-lhes o sentir que pertencem visivelmente a qualquer coisa de «sério», cuja evidência o público «tem de aceitar»...

Quanto ao custo, não é excessivo — sobretudo se se atender a que um calção e boinas azuis escuros servem sempre, as meias cinzentas também; e ainda que em qualquer caso, pode sempre, ao sair da Alcateia, vender uma ou mais peças a um pata tenra que a queira em segunda mão — não falta a quem, porque o escutismo não escolhe classes, e há sempre uns mais, outros menos abonados.

De resto, facilita-se o pagamento em prestações semanais. — Estou plenamente convencida da necessidade duma farda para os Lobitos. E agora lá vai outra objecção: roubar tempo aos estudos...

(Continua na página seguinte)

PAIS DE FAMÍLIA! — O Escutismo colabora convosco na educação de vossos filhos!

Nesta cidade estão ao vosso dispor as unidades seguintes:

UNIDADE	SEDE	REUNIÕES	IDADES DE ADMISSÃO	DIRIGENTES
Alcateia n.º 13 «D. ANTÓNIO BARROSO»	Rua Duques de Barcelos	Domingos, às 11 horas Quartas e Sábados, às 21 horas; Domingos, às 9,30 horas	8 a 11 anos	Chefe: D. Maria Elisa Garrido Assistente: Padre Abel Gomes da Costa
Grupo n.º 13 «ALCAIDES DE FARIA»	Rua Duques de Barcelos	Domingos, às 11 horas Quartas e Sábados, às 21 horas; Domingos, às 9,30 horas	11 a 15 anos	Chefe: Fernando Macedo Correia Assistente: Padre Abel Gomes da Costa
Grupo n.º 18 «SANTO ANDRÉ»	Rua Miguel Ângelo, 171 Barcelinhos	Terças e Sextas, às 21 h.; Domingos, às 10 horas	11 a 15 anos	Chefe: Arlindo da Costa Rodrigues Assistente: Padre Abílio Mariz de Faria
Grupo n.º 24 «SANTO ANTÓNIO»	Largo D. Carlos — Santo António	Quartas, às 18 horas; Sábados, às 19 horas; Domingos, às 9,30 horas	11 a 15 anos	Chefe: Joaquim Calás de Carvalho Assistente: Padre Filipe de Fátima

N. B. — Iniciou as suas actividades um Grupo de Séniores, para Escutas entre os 15 e os 18 anos, mas que normalmente, apenas admite aqueles que provêm dos Grupos de Exploradores.



Manuel Pereira da Quinta Junior

(SUCESSOR DE MANUEL PEREIRA DA QUINTA)

Armazém de Merceria — Agente Depositário de Tabacos da Tabaqueira

Distribuidor Oficial dos Pneus MABOR — Produtos S A C O R

Motores de Rega — Máquinas Agrícolas

Tractores DAVID BRÓWN

Alfaias Agrícolas ALBION

Agente Distribuidor da CIDLA



Ex.^{mo} Sr. MANUEL PEREIRA DA QUINTA JUNIOR, actual Proprietário



Ex.^{mo} Sr. MANUEL PEREIRA DA QUINTA, Fundador do Estabelecimento, falecido em Abril de 1953

Garagem Central

LARGO DR. JOSÉ NOVAIS

Telefones : 8 2 2 2 5 — 8 2 2 0 8 — 8 6 1 2 2

1 2 3 — RUA D. ANTÓNIO BARROSO — 1 3 5

B A R C E L O S

Carta de Fão

Janeiro de 1961

Data, pelo menos, desde 1941 a nossa estima, a nossa dedicação a «O Barcelense», o mesmo é declarar que, desde esta afastada data e durante todo este longo período de, pelo menos, vinte anos, temos recebido iguais e apreciadas provas de amizade, consideração e, muito principalmente, de honrosa lealdade jornalística e pessoal, para o que o festivo momento que «O Barcelense» está a viver serve à maravilha para exaltar e profundamente agradecer.

Vão correndo garridamente os tempos para o desconhecimento, para o desprezo inumano por tais sentimentos e atitudes, já então e sempre dignificantes, e, na crença de que, da nossa parte e pela nossa conduta e formação, no longo período de tempo até hoje duramente percorrido, nunca desiludimos ou nos esquecemos de dar provas claras, satisfatórias do nosso reconhecimento, compostura e ponderação; nesta nossa tranquilizada crença, é com a maior, mais desvanecida alegria que aparecemos gratamente a celebrar o festivo cinquentenário do nosso «O Barcelense» (pelo menos, há cerca de vinte anos).

Seria curiosíssimo ressuscitar, reviver críticas construtivas, serenas delineadas; soluções objectivas aconselháveis expostas convictamente; desabafo a sacudir jactâncias instáveis, que estes longos anos passados vieram a condenar evidente, clamorosa e onerosamente e, também, a dar-nos (e a «O Barcelense», que as apadrinhou intemeratamente) a definitiva razão e apoio, que outros impensada ou interessadamente nos negavam—seria curiosíssimo fazer ressuscitar toda essa luta de ideias, de processos, de projectos, de objectivos apontados então, mas ainda não perdemos o ânimo de vir a tentar a reconfortante e afanosa empresa, para satisfação própria e para justificação concludente, expressiva para a generosa e confiante solidariedade que «O Barcelense» nos ofertou e manteve incólume entusiasticamente. Até lá, que a presente oportunidade comemorativa se não perca, apenas para saudar carinhosamente, jubilosamente tão dedicado defensor da nossa linda Praia—de—Fão, com os votos sinceros e calorosos para que prossiga abnegadamente no seu benemerente labor jornalístico passado e com a sentida gratidão pela sua excelente, franca e desinteressada camaradagem—são os votos e as saudações radicadas e gratíssimas que lhe envia o amigo e antigo colaborador obscuro.

F. N.

Um Encontro

(Continuação da página 4)

— Não é justa! Viste como durou a hora e meia certa. É uma vez por semana. Vá lá, mais meia hora para o caminho — faz duas horas? Quantas perdem as crianças numa semana sem nenhuma utilidade? Além disso se uma criança dos 8 aos 11 anos não pode tirar ao estudo 2 horas por semana, — que horror! Então que sucederá no liceu ou na Faculdade? Admitindo que a desculpa é sincera, representa pelo menos, um exagero, ou falta de método em casa.

— Sem dúvida.

— Mais? Gosto imenso de saber...

Bem. Já ouvi dois pais — um dizendo que os pequenos não precisam que os divirtam — eles se arranjam sôzinhos para isso outro, afirmando haver já a distração demasiada, sendo portanto o Lobitismo desnecessário...

— Olha, responderia a ambos com uma comparação: acham que qualquer alimento serve para que uma criança se desenvolva

BODAS DE OURO

Embaixada de Portugal Ankara, 23 de Janeiro de 1961

...Senhor Rogério Calás de Carvalho

Director de o jornal «O BARCELENSE»

Senhor Director:

Há cinco meses que recebo com a desejada regularidade o seu jornal que me ajuda a conhecer a vida e os problemas da nossa cidade, nestas longínquas paragens da Anatólia.

Por ele fui informado que O BARCELENSE se apresta a comemorar 50 anos de existência—as suas bodas de ouro, o que, como é óbvio, me não podiam deixar indiferente.

50 anos—se representam já alguma coisa na vida das nações, representam inegavelmente muito na vida dum jornal: por isso daqui lhe dirijo e a todos quantos trabalham no BARCELENSE as minhas sinceras felicitações e os meus melhores desejos de que continuem.

Se as contingências da vida me afastaram alguns milhares de quilómetros; Barcelos continua a viver no meu coração, tal como se eu estivesse junto de vós.

Aceite, Senhor Director, os meus melhores cumprimentos.

Duarte Nuno Barroso

Primeiro Secretário da Embaixada de Portugal

NA ENCRUZILHADA

A passagem de um aniversário oferece sempre a oportunidade de deitar contas à vida, considerando na conduta anterior para se escolher a orientação mais conveniente em ordem aos dias futuros.

O BARCELENSE encontra-se hoje numa encruzilhada particularmente curiosa, encerrando as bodas de ouro da sua existência, e iniciando o quinquagésimo primeiro ano da sua publicação.

Se é certo que cinquenta anos de vida para um jornal representam inúmeros trabalhos e enormes cansaças, não o é menos de que são também a mais convincente prova da sua vitalidade e do seu valor entre os homens. Assim, ao cabo de meio século transcorrido, pode este jornal entrar decidida e confiadamente na jornada do futuro, da certeza de que os barcelenses saberão respeitar a herança que os seus maiores ampararam com tanto carinho e conservaram com tão elevado apreço.

Com os votos da mais sincera confiança no futuro de O BARCELENSE, desejo associar-me à publica homenagem do seu brilhante passado, bem como exprimir a maior admiração pelo seu Director, que com tanta dedicação e espírito de sacrifício o acompanha desde os primórdios da sua existência, através de tão dura e longa caminhada.

Silvestre Matos da Costa

robusta e sãdia? Pois se não serve qualquer alimento para a saúde do corpo como podes servir qualquer divertimento para a saúde do coração e do espírito?

— Tens toda a razão. E convencês-te-me de tal maneira que já sei responder por mim à última objecção que ouvi e...

— Qual foi?

— «Final para que serve o Lobitismo»? Se a repetirem na minha frente, serei a primeira a esclarecer que o Lobitismo serve para — brincando num ambiente alegre, são, psicologicamente próprio para a idade — ajudar a educar e desenvolver os rapazinhos.

Eliza Garrido

BODAS DE OURO

Comemora «O BARCELENSE» mais um aniversário que merece de nós a maior satisfação e estima, preito e jubilo porque, depois de um labutar contínuo, progressivamente atingiu as Bodas de Ouro, 50 anos.

Nesta longa existência com as dificuldades e contrariedades de um meio provinciano, em que os recursos não correspondem condignamente, não podemos deixar de reconhecer o dinamismo e bairrismo do seu dedicado e digno Director Rogério Calás de Carvalho que sempre tem demonstrado na defesa e progresso da nossa linda Terra, que, pelo seu vasto concelho, situação topográfica, certa importância comercial e industrial, lindas paisagens e floridos jardins, direito tinha a não ser tão esquecida, o que é lamentável.

Aproveitando toda e qualquer oportunidade «O BARCELENSE» revelou sempre a sua nobre missão: POR UM BARCELOS MAIOR.

E só com muito trabalho e coragem se podem vencer as dificuldades, contrariedades e desgostos que se encontram no labutar de tão longa existência.

Amigo Rogério Calás de Carvalho receba as minhas mais sinceras felicitações com um grande abraço por ver assim recompensado o seu árduo trabalho com as Bodas de Ouro de «O BARCELENSE»

Carlos Maria Vieira Ramos

NOBRE DIVISA

Por Portugal! Por Barcelos!

Se há factos que não podem passar na voragem tragadora dos tempos sem ficarem gravados profundamente no mármore e nos bronzes, a data faustosa das Bodas de Ouro dum Orgão da Imprensa que se debateu sempre pelos mais altos ideais, tendo como lema um tão nobre lema, não pode, de maneira alguma, deixar de ser registada, com paleta de ouro, nas vetustas páginas da História de Barcelos.

Na verdade, ter como lema «Por Portugal!» é ter por lema servir a Terra veneranda de tantos heróis e santos que imolaram suas vidas na defesa da Igreja e da Pátria, na difusão da Fé e do Império; é ter por timbre defender os direitos de Portugal uno e indivisível contra todos os ataques forjados pelo ódio ou pela inveja.

Ter como lema «Por Barcelos!» é pretender levantar bem alto o nome da Terra dos Alcaldes de Faria, o nome de D. António Barroso e de outros muitos heróis que, empunhando numa mão a Espada e noutra a Cruz, fizeram maior a Pátria que os viu nascer.

«Por Portugal! Por Barcelos!» são, afinal, dois lemas que se fundem num só lema, porque defender as cores da Bandeira portuguesa não é outra coisa senão engrandecer igualmente Barcelos, e tornar o nome de Barcelos mais conhecido e mais amado é também ajudar a elevar o nome querido de Portugal ao seu trono de imortal glória.

Nobre divisa, portanto a de «O BARCELENSE»! Grandioso o motivo para celebrar pomposamente os seus cinquenta anos de trabalho intenso ao serviço de tão alevantado ideal!

A imprensa cabe-lhe hoje um papel preponderante no mundo «como expressão de pensamento, de orientação da opinião pública, órgão de informação, arma por todos utilizada para fins políticos, económicos, sociais, comerciais, e até desportivos.»

O célebre general Mac Arthur, quando acabou a guerra voltou à América coberto de prestígio militar e diplomático, proferiu, perante os jornalistas que o cercavam, as seguintes e elucidativas palavras: «Foram-me precisos 71 anos e tive de andar 18.000 milhas para saber quem dirige realmente os Estados Unidos: são os senhores da Imprensa.»

O italiano Roberti afirmou categoricamente: «A Imprensa, especialmente a jornalística, possui a enorme potência de formar e de dirigir a opinião pública e possui a força decisiva em quase todos os ramos da vida social. Daqui o seu excepcional valor e grande responsabilidade.»

Tendo realizado «O BARCELENSE» as palavras que escolheu por divisa é indubitável que cumpriu sua elevada missão. E' com justiça, pois, que as suas Bodas de Ouro fiquem gravadas a traços refulgentes nas doiradas páginas de Barcelos. E' com justiça também que se façam votos para que continue sempre, por muitos e muitos anos, a abrir clareiras de luz nos espíritos dos barcelenses e demais portugueses espalhados por todas as partes do mundo, para que continue a realizar sua nobre divisa: «Por Portugal! Por Barcelos!»

J. J. C. A.

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Sede — LISBOA

AGENCIA EM BARCELOS

Largo da Porta Nova, 41—Telefone 82318

Descontos—Depósitos à ordem e a prazo—Transferências s/ o País e Estrangeiro
Moedas e Notas Estrangeiras



As Malhas NOMALI Simbolizam o Bom Gosto

Todos os interiores, em Nylon e algodão puro, para Homem Senhora e Criança

AGENTES:—Lisboa—Porto—Provincias—Madeira—Ultramar português

FÁBRICA:

Rua de Moalde, 461

Telf. 900.576

S. MAMEDE DE INFESTA



ESCRITÓRIO CENTRAL:

Rua Rodrigues Sampaio, 21—6.º—A

Telf. 59038

LISBOA

BARCELENSE
Desportivo

ABERTURA...

Ao completar meia centena de anos «O BARCELENSE» tem contribuído para que o Desporto seja um cartaz altaneiro na propaganda desta linda terra e, nesta data festiva, não queremos ignorar todos aqueles que nas colunas dos jornais diários ou nos «modestos» semanários têm dado, também, o seu contributo para esta campanha do grandioso Monumento que se chama DESPORTO e, ainda, todos aqueles que, directa ou indirectamente, não se poupam a esforços no sentido de um maior BARCELOS que honre os presentes e seja uma homenagem aos nossos antepassados que sonharam, sempre, em ver engrandecida, próspera e na vanguarda esta terra que nos ensinaram a amar e defender.

No cinquantésimo aniversário do jornal, a secção desportiva de «O Barcelense»,—modesta página—faz votos para que todas as colectividades desportivas de aquém e além-rio por intermédio dos seus dirigentes; dos seus atletas e dos seus «torcedores» unifiquem esforços para mais e melhor servirem, além do «seu» clube, o grande clube de nós todos: BARCELOS. Pouca mais idade temos do que o jornal mas, apesar de muitas injustiças; de muita malquerença e, até, de muita maldade não nos arrendemos de lutar, com todos os nossos esforços, para que a cidade onde abrimos os olhos obtenha, quer desportivamente quer em outras facetas, o lugar a que tem direito.

Estamos em festa e oxalá que possamos ter, sempre, festa na grandiosa família Barcelense porque nada melhor do que a unidade de todos que vivem nesta linda terra para conseguirmos os nossos objectivos; a nossa vontade ao serviço de BARCELOS; a nossa satisfação de vermos realizados os anseios que, desde há anos, preocupam aqueles que, adentro dos seus muros ou longe do seu torrão, pensam, constantemente, no engrandecimento—seja em que sector—desta linda pérola, deste lindo Minho». A terra de Barcelos e o seu vasto concelho precisa de todos os homens de boa vontade e só com o apoio; só com o pensamento nos problemas que avassalam os desejos daqueles que—acima de personalismos—querem a esta terra, podemos colocar no pedestal do progresso; de «cidade nova»; de embelezar, cada vez mais, este torrão se deixarmos transformar os esforços isolados; de cada um agir numa unidade colectiva; de pensarmos, somente, de que para além dos homens, existe a RAINHA DO CAVADO, nós conseguiremos realizar a tarefa que os nossos antepassados nos legaram para a completarmos.

Este jornal terá as suas colunas ao dispor de todos os que—POR BEM—quizerem cooperar para o maior engrandecimento desta terra dedicando-lhe os seus intencionados esforços A BEM DE BARCELOS. —No desafio com a Oliveirense, o Gil Vicente ganhou por 1—0. O «nosso grupo» amanhã, vai jogar a S. João da Madeira. R. N.

Anuncio publicado em «O Barcelense» de 11—2—1961
TRIBUNAL JUDICIAL DE BARCELOS
(Secretaria)
ANUNCIO

1.ª publicação
Faz saber que no dia 2 de Março próximo, pelas 10 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, vão pela primeira vez à praça, para serem arrematados em hasta pública, por quem maior lance oferecer acima dos valores que lhes vão indicados, os prédios abaixo mencionados, penhorados nos autos de EXECUÇÃO ORDINARIA que JOÃO HENRIQUES MOREIRA, casado, mestre de tecelagem, morador no lugar da Ponte da Pedra, Leça de Balio, Matosinhos, desta comarca move contra os executados MARIO CARVALHO MARTINS e mulher e ALBERTO LOPES MARTINS e mulher, todos da freguesia de MINHOTÃES, desta comarca.

PRÉDIOS
1.º
CAMPO DE SALGUEIROS, de lavradio, no lugar de Vilar, freguesia de Minhotães, desta comarca, descrito na Conservatória no Livro B—217, a fls. 128, sob o n.º 85.925, e inscrito na matriz sob o artigo 81, que vai à praça pela quantia de 8.010\$00.
2.º
CAMPO DA REVOOLTA, de lavradio—mato, no lugar de Vilar, freguesia de Minhotães, desta comarca, descrito Conservatória no Livro B—222, a fls. 91 v.º, sob o n.º 87.832, e inscrito na matriz sob o artigo 97, que vai à praça pelo valor de 6.660\$00.

3.º
CASAS TORRES E TERREAS DE HABITAÇÃO E LAVOURA E JUNTO TERRA DE HORTA, DE LAVRADIO E MATO, com arvores de vinho e ramadas, sendo a terra lavradia, conhecida pelo CAMPO DE CIMA; CAMPO DA BOUTICA; CORTELHO; e CAMPO DO MARGIDO, com água de lima e rega, formando tudo um só prédio, no lugar da Lagoa, freguesia de Minhotães, desta

comarca, descritos na competente Conservatória no Livro B—203, a fls. 98 v.º, sob o n.º 80.331, e inscrito na respectiva matriz sob os artigos 10 urbano e 105 e 108 rústicos, que vai à praça pela quantia de 40.146\$00.
4.º
BOUÇA DO FORNO, de mato, pinheiros e carvalhos, no lugar de Vilar, freguesia de Minhotães, desta comarca, descrita na competente Conservatória no Livro B—203, a fls. 99, sob o n.º 80.382, e inscrita na matriz sob o artigo 68, que vai à praça pela quantia de 6.420\$00.
5.º
CAMPO DA EIRA, com arvores de vinho e água de lima e rega, no lugar de Requião, freguesia de Minhotães, desta comarca, descrita na Conservatória no Livro B—203, a fls. 100 v.º, sob o n.º 80.335 e inscrita na matriz sob o artigo 193, que vai à praça pela quantia de 5.100\$00.

Barcelos, 3 de Fevereiro de 1961.
O Chefe da 3.ª Secção Domingos Lima da Costa Verifiquei:
O Juiz de Direito, João Fernandes Lopes Neves

Vendem-se
Na freguesia de Viatodos, no dia 19 do corrente, vendem-se 12 carvalhos e 2 eucaliptos, calculados em 50 toneladas.
Procede-se à venda, na Avenida de Viatodos à Estação de Ni-ne, das 14 às 15 horas.
Quem pretender, queira falar com o Sr. José de Araujo Couto, no lugar de Camposinhos.
N. B.—Estas arvores não foram vendidas no dia 5, por motivo de se encontrar doente o Sr. João Figueiredo, cunhado do vendedor.

TERRENOS
Próprios para construções e em talhões, vendem-se entrete ao Recolhimento do Menino Deus, desta cidade.
Para mais informações, queiram dirigir-se à Viuva de José Cibrão, ou aos herdeiros.
FARMACIA DE SERVIÇO—Amanhã, está de serviço a Farmácia Central.

CINEMA
Amanhã, às 15,30 e às 21,30 horas, o filme **A MAIOR AVENTURA DE TARZAN**.
—Terça-feira, às 15,30 e às 21,30 horas, a produção franco-italiana, **PARIS PALACE HOTEL**.
—5.ª-feira, às 21,30 horas, **SEGREDO ESCANDALOSO**.

Obituário
Em Barcelinhos, no dia 26 de Janeiro, faleceu a Snt.ª D. Ludovina Fernandes de 82 anos Mãe dos nossos amigos Srs. Dr. Domingos da Costa Fernandes e Francisco da Costa Fernandes.
—No dia 6, na mesma freguesia, faleceu a Snt.ª D. Maria da Paz Faria Ferreira, de 46 anos, dedicada esposa do nosso amigo, Sr. Joaquim Pereira Ferreira.
—No dia 7, nesta cidade, faleceu o nosso amigo Sr. Arnaldo de Vessadas Salazar, de 69 anos, Proprietário, irmão dos nossos amigos, Srs. Baltazar Salazar e Dr. Fernando Salazar e cunhado do nosso também amigo, Sr. Mário Norton.

—No mesmo dia, no Porto, faleceu o Sr. Delfim Fernandes Vinagre, de 67 anos, Banqueiro, marido da Snt.ª D. Lúcia Brenha Borges Vinagre e pai do nosso amigo e ilustre Arquitecto, Sr. Antonio Joaquim Borges Fernandes Vinagre.
—Os funerais foram muito concorridos.
—A's famílias em luto, enviamos sentidas condolências.

Falta de espaço
Por este motivo, ficam para a semana varios artigos sobre as Bodas de Ouro, deste Semanário; diversos anuncios e noticiário referente aos tristes e repugnantes acontecimentos em Luanda.
Que nos desculpem...

COR É VIDA
ROBBIALAC

Agente em Barcelos:
Casa Coelho Gonçalves

SARRABULHO, todos os Domingos—pápas e rejoadá—no Restaurante «PÉROLA» da AVENIDA,—Barcelos. Também há FRANGUINHOS assados.

Fábrica Barcelense

TELEGRAMAS: TÊXTIL

TELEFONE 82214



TÊXTIL JOÃO DUARTE

S. A. R. L.



Ex.º Sr. João Duarte Veloso
Fundador e Presidente do Conselho de Administração

Peúgas para homem—Peúgas Sport para criança

Rendas de Algodão e Seda

Elásticos de Algodão e Seda

Peúgas Nylon para homem e criança

BARCELOS

PORTUGAL

FÁBRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS DE BARCELOS, L.^{DA}



Ex.º Sr. Artur Costa
Sócio Principal da Fábrica de Fiação de Barcelos, L.d.a

FABRICO DE:

Fios de algodão cardados e penteados
Fios de fibras artificiais

PARA:

Tecelagem, Malhas, Pesca e Passamanarias, etc.

Retorcedura



Tinturaria

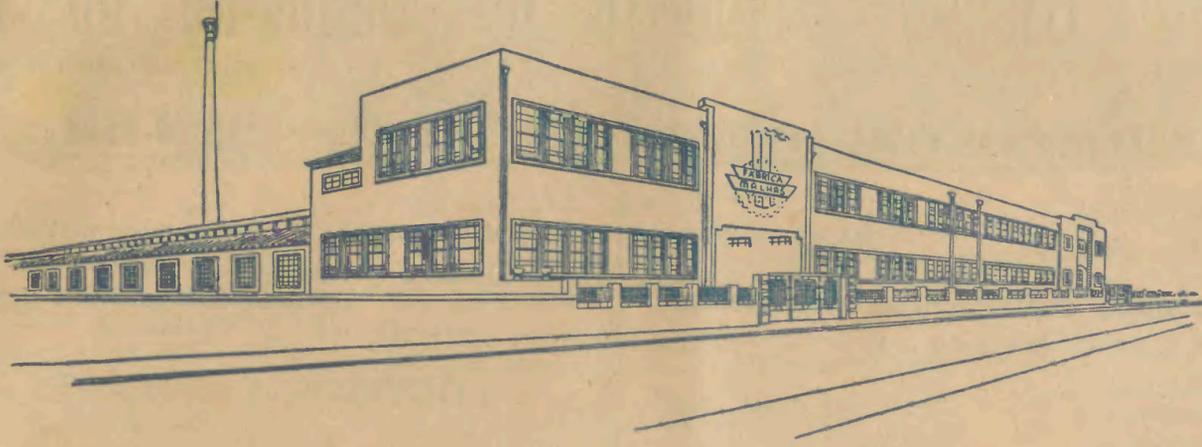


Branqueação



Rua Cândido da Cunha
BARCELOS
Telefone 82313

ESCRITÓRIO CENTRAL:
Rua da Fábrica, N.º 21
PORTO — Telefone 24526



A Empresa Têxtil de Barcelos, L.^{da}

Fábrica de Malhas "TEBE,"

Honra a indústria nacional, mercê do alto nível dos seus conceituados artigos

Esta modelar unidade fabril tem um artigo para cada gosto, um corte para cada corpo, um padrão para cada exigência... Eis o grande virtuosismo das inconfundíveis malhas TEBE.



Ex.^{mo} Snr. Mário Campos Henriques
Sócio Principal e Gerente

A senhora elegante exige malhas TEBE
A senhora distinta usa só malhas TEBE
A senhora que trabalha adora as malhas TEBE

O homem de estado, o médico, o advogado, o engenheiro, o industrial, o comerciante, o estudante, o trabalhador, enfim, todos, procuram nas malhas TEBE, a distinção e o bom gosto aliados a um preço sem confronto.

Não é exagero dizer-se que, onde há um indivíduo, há malhas TEBE. Eis o valor substancial de uma das **melhores malhas do mundo...** as malhas TEBE.

FÁBRICA DE MALHAS «TEBE»

BARCELOS — PORTUGAL

Telefones { 82385 — 82386 P. P. C.
Gerência 82411

Movimento Escolar Primário no Concelho de Barcelos

Pelo DELEGADO ESCOLAR AFONSO REGO

Recenseamento escolar de 1959-60

SEXO MASCULINO 5350
SEXO FEMININO 5244 TOTAL 10594

Número de crianças matriculadas em escolas

ENSINO OFICIAL

1.ª Classe:	Sexo Masculino	1531	Total	3031
	Sexo Feminino	1500		
2.ª Classe:	Sexo Masculino	933	Total	1842
	Sexo Feminino	909		
3.ª Classe:	Sexo Masculino	1030	Total	1996
	Sexo Feminino	966		
4.ª Classe:	Sexo Masculino	1066	Total	1770
	Sexo Feminino	704		

POSTOS ESCOLARES

1.ª Classe:	Sexo Masculino	124	Total	207
	Sexo Feminino	83		
2.ª Classe:	Sexo Masculino	560	Total	922
	Sexo Feminino	362		
3.ª Classe:	Sexo Masculino	288	Total	529
	Sexo Feminino	241		
4.ª Classe:	Sexo Masculino	25	Total	38
	Sexo Feminino	13		

ENSINO PARTICULAR

1.ª Classe:	Sexo Masculino	25	Total	65
	Sexo Feminino	40		
2.ª Classe:	Sexo Masculino	17	Total	51
	Sexo Feminino	34		
3.ª Classe:	Sexo Masculino	8	Total	38
	Sexo Feminino	30		
4.ª Classe:	Sexo Masculino	13	Total	41
	Sexo Feminino	28		

Total geral dos alunos matriculados

Sexo Masculino 5620
Sexo Feminino 4910

ENSINO OFICIAL

Passagens de classe e exames de 2.º grau

EM ESCOLAS

1.ª Classe:	Sexo Masculino	1033
	Sexo Feminino	1066
2.ª Classe:	Sexo Masculino	706
	Sexo Feminino	707
3.ª Classe:	Sexo Masculino	775
	Sexo Feminino	782
4.ª Classe:	Sexo Masculino	862
	Sexo Feminino	576

EM POSTOS ESCOLARES

1.ª Classe:	Sexo Masculino	71
	Sexo Feminino	45
2.ª Classe:	Sexo Masculino	374
	Sexo Feminino	255
3.ª Classe:	Sexo Masculino	204
	Sexo Feminino	187
4.ª Classe:	Sexo Masculino	17
	Sexo Feminino	9

ENSINO PARTICULAR — APROVEITAMENTO

1.ª Classe:	Sexo Masculino	21
	Sexo Feminino	28
2.ª Classe:	Sexo Masculino	11
	Sexo Feminino	24
3.ª Classe:	Sexo Masculino	5
	Sexo Feminino	24
4.ª Classe:	Sexo Masculino	9
	Sexo Feminino	22

Agentes de ensino que exerceram em 1959-60

Professores efectivos — Homens, 13 — Mulheres, 112
» agregados — Homens, 1 — Mulheres, 51
Regentes escolares — Homens, 13 — Mulheres, 86

EDIFÍCIOS ESCOLARES — SALAS

Do Estado	35
Plano dos Centenários	54
Corpos Administrativos	29
Particulares	49
Total	164

ASSISTÊNCIA ESCOLAR

CAIXAS ESCOLARES — 171

Receita 65.832\$24 Despesa 60.998\$74
Montante de Benefícios 76.024\$30
Alunos beneficiados: Sexo masculino 4399 — Sexo feminino 4465

CANTINAS ESCOLARES — 4

Receita 34.127\$80 Despesa 30.833\$40
Montante de Benefícios 33.096\$40
Alunos beneficiados: Sexo masculino 141 — Sexo feminino 131

CURSOS DE ADULTOS — 25

Foram regidos por 10 professores oficiais, 9 regentes escolares e 6 indivíduos estranhos aos serviços

Alunos matriculados nos cursos:

Sexo masculino 634 — Sexo feminino 192

Fizeram exame da 3.ª classe:

Sexo masculino 91 — Sexo feminino 34

Fizeram exame da 4.ª classe:

Sexo masculino 458 — Sexo feminino 155

Fizeram exame da 3.ª e 4.ª classes:

Sexo masculino 36 — Sexo feminino 7

Cantina Escolar de Barcelos

RECEITA

Donativos	184\$10
Subsídios do Estado	4.487\$20
Subsídio da Comissão C. de Assistência	1.000\$00
Subsídio da D. Geral de Assistência	500\$00
Cotizações de Sócios	1.946\$10
Total	8.117\$40
Saldo do ano anterior	15\$60
Total da Receita	8.133\$00

DESPESA

Valor das refeições fornecidas 8.133\$00
Alunos beneficiados: Sexo masculino 34 — Sexo feminino 34
Refeições distribuídas 10440
Dias em que a Cantina funcionou 145
Montante dos benefícios distribuídos 9.050\$00

Recenseamento escolar de 1960-61

CURSOS DE ADULTOS — 19

Alunos matriculados 389

Crianças matriculadas em escolas, postos e ensino particular

De 7 anos: Masculinos 895
Femininos 912
De 7 aos 12 anos: Masculinos 5481
Femininos 5126
— 29

ENSINO OFICIAL

1.ª Classe:	Masculinos	1522
	Femininos	1443
2.ª Classe:	Masculinos	1131
	Femininos	1144
3.ª Classe:	Masculinos	881
	Femininos	857
4.ª Classe:	Masculinos	1035
	Femininos	949

POSTOS ESCOLARES

1.ª Classe:	Masculinos	96
	Femininos	65
2.ª Classe:	Masculinos	344
	Femininos	265
3.ª Classe:	Masculinos	406
	Femininos	271
4.ª Classe:	Masculinos	11
	Femininos	12

ENSINO PARTICULAR EM ESTABELECIMENTOS, DOMÉSTICOS E INDIVIDUAL

1.ª Classe:	Masculinos	18
	Femininos	39
2.ª Classe:	Masculinos	18
	Femininos	32
3.ª Classe:	Masculinos	12
	Femininos	26
4.ª Classe:	Masculinos	7
	Femininos	23

Exercem no Concelho de Barcelos em Escolas

Professores 195
Regentes em comissão 26
Total 221 agentes de ensino

Exercem nos Postos

Regentes escolares 59

Os edifícios escolares estão assim distribuídos

Do estado, 24 edifícios com 34 salas
Plano dos Centenários, 37 edifícios com 65 salas
Outros tipos, 18 edifícios com 29 salas
Particulares, 27 edifícios com 30 salas

OS POSTOS ESCOLARES OCUPAM

Salas do Plano dos Centenários 3
Salas de Outros Tipos 2 e 1 devoluta
Em Edifícios Particulares 16 edifícios com 14 salas e 2 devolutas